"SOB O DOMÍNIO DA OLIGARCHIA QUE OPPRIME, ROUBA E ENVERGONHA": A ATUAÇÃO LETRADA DENUNCIATIVA DE ANTÔNIO SALES ATRAVÉS DA OBRA *O BABAQUARA*.

André Brayan Lima Correia[1]

RESUMO : Neste artigo buscamos fazer uma analise do livro O Babaquara que foi publicada em 1912 pelo intelectual Antônio Sales. Essa obra é um libelo com o intuito de denunciar os crimes que a gestão aciolina estava cometendo naquele período. Aqui buscamos levantar parâmetros de discussão a cerca desta obra através do conceito de práticas letradas, mostrando como Antonio Sales se utilizou dessa obra para difundir seus ideias e fazer oposição a esse governo.

Palavras-chave: O Babaquara; Oligarquia Aciolina; Práticas Letradas

"UNDER THE DOMAIN OF OLIGARCHIA THAT OPPRESS, STEAL AND SHAME": ANTÔNIO SALES'S DENUNCIATORY LITERARY PERFORMANCE THROUGH THE WORK O BABAQUARA.

ABSTRSCT: In this article we look for an analysis of the book The Babaquara that was published in 1912 by the intellectual Antônio Sales. This work is a booklet with the intention of denouncing the crimes that the aciolina management was committing in that period. Here we seek to raise discussion parameters about this work through the concept of literate practices, showing how Antonio Sales used this work to spread his ideas and oppose this government.

Keywords: O Babaquara, Oligarchy Aciolina; literate practices

[1] Mestre em História pela Universidade Estadual do Ceará (MAHIS/UECE). Email: andre.brayan@hotmail.com.

Introdução.

Nesse artigo buscamos fazer uma analise do livro *O Babaquara* (SOARES, 1912) de Antônio Sales. Essa obra é um libelo com o intuito de denunciar os crimes que a gestão aciolina estava cometendo naquele período.

Segundo Maria Alencar (ALENCAR, 2008), a Oligarquia Aciolina foi um governo que se iniciou em 1896 e perdurou até 1912, quando foi deposto por uma revolta popular. Esse governo foi marcado por um grande “autoritarismo”, o que gerou grandes confrontos com a oposição.

Uma das formar que a oposição se utilizava para combater e atacar o governo era as publicações de escritos em livros, jornais e folhetins no sentido de denunciar o governo. Logo, diversos letrados, como Sales, estavam envolvidos nesse conflito. Por isso utilizamos aqui a noção trabalhada por Gleudson Passos de práticas letradas:

> Quanto às “Práticas Letradas” entende-se que são as realizações praticadas cotidianamente em prol do letramento, da difusão das idéias através da leitura, da impressão e circulação dos textos, dos debates e da produção intelectual ordinária e da ritualização do saber letrado. (CARDOSO, 2014:02)

Com isso, o que buscamos aqui é fazer uma analise da obra *O Babaquara* como uma forma de prática letrada, pois o autor busca disseminar ideias contra a oligarquia através de sua escrita, além do fato de que esse livro traz um embate entre os ideais “civilizacionais” de Antônio Sales com as práticas do governo que remetem ao retrocesso, segundo o autor.

Para isso, buscamos inicialmente apresentar o autor, seu lugar social e suas influências ao longo de sua vida até a elaboração da obra, no intuito de perceber como a atuação letrada deste intelectual influenciou em seus ideais posto na obra aqui analisada; e mostrar que muitas das características de sua escrita são herança desta trajetória.

Após isso, buscamos caracterizar *O Babaquara*, apontando assim características desta obra e suas peculiaridades, com a intenção de perceber sua intencionalidade e seu diferencial para o período.

Por ultimo analisaremos o livro, apontando as principais denuncias feitas por esse intelectual e demonstrando sua atuação letrada através da disseminação de suas ideias e da defesa de seus ideais.

A Criação de um "Martim Soares": a Vida e as Influências de Antônio Sales.

A obra *O Babaquara* de Antônio Sales foi escrita no final de 1911 e início de 1912, e busca trazer denuncias a cerca do governo aciolino. Porém, antes de compreendermos este livro é preciso entender quem a escreveu e quais suas influencias.

O livro, escrito pelo autor "Martim Soares", segundo Inventário do Arquivo Antônio Sales (VASCONCELOS, 2007), que foi feito pela Fundação Casa Rui Barbosa, na verdade é um pseudônimo de Antônio Sales um intelectual e escritor cearense.

Dessa forma, buscamos aqui demonstrar a trajetória desse escritor, pois assim, poderemos perceber de que forma sua experiência de vida o influenciou na construção de "Martim Soares", que pode ser um pseudônimo, mas que carregava toda a subjetividade de uma vida.

Com isso, podemos inferir que Antônio Sales foi um cearense que nasceu no dia 13 de junho de 1868, no município de Parazinho. Filho do comerciante Miguel Ferreira Sales e de Delfina Pontes Sales. Sua família tinha uma inserção política, pois seu pai chegou a assumir a liderança do partido liberal na região de Soure (BOIA, 1984), ainda na infância de Sales. Porém, por causa de problemas de visão, seu pai perdeu o prestígio e o comercio que possuía, levando a sua família a falência(BOIA 1984).

Ou seja, com apensas 14 anos de idade, em 1882, esse intelectual que estava concluindo os estudos primários teve que se transferir junto com a família para a capital cearense, onde passou a trabalhar como caixeiro no Armazém Jesuítico Lopes de Maria, que se localizava na Praça do Ferreira. É a partir desse fato que , segundo Wilson Boia (BOIA, 1984), ele passa a se interessar pelas letras e chega ampliar seu conhecimento através da aprendizagem de outros idiomas para poder ler obras em francês, italiano e alemão.

Já em 1884, dois anos após chegar na capital, Antônio Sales passa a colaborar com o jornal *O Meirinho*, periódico fundado em 1871. E em 1886 ele vira colaborador do jornal "Libertador", periódico esse pertencente à Sociedade Libertadora Cearense (VASCONCELOS,2007).

Podemos afirmar que esse intelectual ao chegar em Fortaleza, se inseriu rapidamente nas letras, pois em apenas quatro anos ele já contribuía para dois jornais e participava de um grupo letrado. É importante destacar a influência letrada desta agremiação para a construção de "Martim Soares", por que, segundo Waldy Sombra (SOMBRA, 1999), esse grupo estava fundamentado nos ideais de abolição da escravidão, na qual exaltavam em seu periódico as campanhas abolicionistas e atacavam os escravocratas. Ou seja, já se percebe a utilização de uma

atuação letrada em prol das transformações da cidade, principalmente para defender e difundir ideais através de textos.

É importante lembrar que a partir de 1860, Fortaleza estava passando por uma série de transformações que colocavam em pauta as ideias de civilização, urbanização e modernização. Essas mudanças iniciaram, dentre outros motivos, por causa da acumulação de capital que o Ceará teve no contexto da Guerra da Secessão, na qual este estado ocupou as exportações do comercio algodoeiro no lugar dos EUA que se encontrava em guerra. Algumas dessas modificações urbanas em Fortaleza foram: o erguimento de palacetes, a padronização das calçadas de alguns bairros, a criação de praças (Marques de Herval, Praça do Ferreira...), a implantação de bondes e de cafés no centro da cidade, o enxadrezamento das ruas na tentativa de torna-las padronizadas e etc (PONTE, 2001).

Dessa forma, podemos perceber que Antônio Sales já tinha uma atuação como um agente letrado em busca de difundir seus ideais cada vez mais, pois como veremos ele participou de diversas agremiações antes da escrita do livro aqui trabalhado, tendo papel de destaque em algumas delas.

Em 1887, segundo Boia (BOIA, 1984), Sales, junto com outro letrado cearense, Jovino Guedes, fundaram o Clube Educandário Caixeral, o qual deu origem à Fênix Caixeral. A ideia desse clube era poder oferecer um curso de português ministrado por Joakim Catuna gratuitamente para os caixeiros de Fortaleza, contribuindo assim para a formação destes.

Ainda em maio de 1887, Sales passa a se tornar colaborador do jornal "A Quinzena", que foi fundado no início desse ano. Esse periódico é uma criação do "Clube Literário", clube esse que, segundo o inventário (VASCONCELOS, 2007), foi idealizado pelo jornalista João Lopes e fundado em novembro de 1886. É importante destacar que o Clube Literário, com o seu jornal, tinha a função de se relacionar com a literatura, a ciência e as artes do império brasileiro, e tinha a intenção de intervir perante os poderes públicos (SOMBRA, 1999). Portanto, uma agremiação de forte apelo nas intervenções no processo histórico de seu tempo. Ou seja, é cada vez mais perceptível o aumento da intensidade de influencia na atuação desse letrado na cidade, pois era através de textos, publicados por essas agremiações que ele difundia seus ideais sobre o urbano.

Com o surgimento do debate entre a monarquia e a republica em Fortaleza, surgiu outra agremiação, O Centro Republicano Cearense que teve uma importante atuação na política do Ceará, buscando lutar em prol da República e contra a permanência do Império.

> Governava o Ceará aquele que seria o último presidente da quadra imperial, Morais Jardim. E a 15 de novembro, conta Antônio Sales, "o Centro Republicano, com o seu quadro vastamente alargado, assumia a direção do movimento revolucionário". Morais Jardim não topou a ideia da adesão ao novo regime. Realizava-se à tarde grande comício no Passeio Público. Oradores exaltados do referido Centro se fizeram ouvir, exigindo a cabeça do chefe da Província. Marcham em direção ao Palácio e aclamam o Tenente - Coronel Luís Ferrás seu novo presidente provisório (BOIA, 1984: 71).

O Centro Republicano Cearense teve uma atuação bastante significativa com relação ao conflito, monarquia e república, com isso, destacamos mais uma vez a atuação de um grupo sobre as transformações na cidade e que Antônio Sales estava envolvido. Porém, Wilson Boia, nos aponta outro aspecto dessa relação, pois a participação desse intelectual nesse grupo também o influenciavam:

> Sobradinho Revolucionário (Centro Republicano) que influiu decisivamente na organização do governo provisório do Ceará e do partido que ressurgiu das cinzas e de antigas facções monárquicas... Sobradinho Revolucionário que indiretamente empurrou Antônio Sales para a política onde figuraria como deputado à Assembleia da segunda Constituinte do Estado, aos vinte e cinco anos de idade (BOIA, 1984: 71).

É importante destacar aqui que esse intelectual teve também uma inserção política, pois segundo Boia (BOIA, 1984), Antônio Sales foi, por indicação de seu amigo Caio Prado, funcionário da Intendência de Socorros Públicos de Fortaleza em 1889; Deputado Estadual (1893-1896) no governo de Bizerril Fontenele e exerceu durante esse governo os cargos de diretor da Secretaria da Assembleia (1893-1896) e Secretário de Negócios do Interior (1893-1894). E segundo o inventário (VASCONCELOS, 2007) ele foi nomeado Funcionário do Tesouro Nacional, a partir de 1896, quando em 1910 é promovido a Escriturário do Tesouro Nacional[2].

Ou seja, percebe-se mais uma influencia deste intelectual, pois por ser envolvido na política, isso pode ter lhe trazido o interesse de escrever sobre o governo aciolino. Também podemos levantar a hipótese de Sales ter se tornado um opositor ao governo e por isso quis escrever uma obra para atacar a oligarquia.

Ainda com relação às agremiações, já com o inicio da república, um novo contexto se insere no Ceará, pois um novo regime foi instaurado e as transformações em Fortaleza passaram a ficarem mais intensas. É nesse contexto que Sales irá publicar sua primeira produção livreira, partindo assim para uma nova forma de prática letrada.

[2]Não é mostrado no inventário quando ele deixa esse cargo, pois não há menção ao fim desse cargo ou a qualquer outro cargo público assumido por ele até 1940, ano de seu falecimento.

> Pela Tipografia José Lino, localizada na rua Senador Pompeu n. 82A era lançado em fins de 1890 o livro de estréia de Antônio Sales, as cem páginas dos Versos Diversos, onde estão reunidas suas produções, muitas anteriormente publicadas no Libertador e na revista A Quinzena, entre os anos de 1887 e 1990. (...) Para aquisição de Versos Diversos as Livrarias Oliveira e Guálter, as Lojas Democrata e Torre Eiffel e o escritório do jornal Libertador acolhiam assinaturas, custando o exemplar a quantia de dois mil réis. (BOIA, 1984: 93)

Essa publicação deu inicio ao seu reconhecimento fora do Ceará, pois ela teve bastante repercussão na imprensa e chegou a receber reportagens comentando sua publicação no jornal *O Pais do Rio* (BOIA, 1984).

Ainda antes da publicação do livro *O Babaquara*, podemos citar outras colaborações desse autor para periódicos como: *A República* (a partir de 1892); *O Pão* (a partir de 1892); *Revista Brasileira* (a partir de 1897); e *Correio da Manhã* (a partir de 1901).

Por ultimo, ao se falar em sua trajetória e suas influencias letradas para atuação dele difundido o seu discurso, não poderemos deixar de dar aqui destaque à Padaria Espiritual, pois, segundo Boia (BOIA, 1984), esse movimento foi um dos que mais modificou e desenvolveu a escrita de Antônio Sales, já que mesmo ele se recusando a ser Padeiro-Mor (cargo maior do grupo), esse movimento foi idealizado também por ele.

A Padaria Espiritual foi um dos mais importantes movimentos literários do Ceará, chegando a ser pioneiro quanto a seu aspecto literário. Segundo Sânzio Azevedo (AZEVEDO, 2011), a Padaria Espiritual teve sua seção inaugural no dia 30 de maio de 1892. Ela foi dividida em duas fases: a primeira sendo conhecida como mais “extrovertida, alegre, pândega e trocista” (BOIA, 1984), ocorrida em 1892; e a segunda tendo um tom mais sério na produção letrada, ocorrida entre 1894 a 1898.

Esse grupo foi um movimento que teve a participação de muitos letrados cearenses, e, ao todo, a Padaria contou com a participação no seu quadro de membros de 20 intelectuais na primeira fase (sendo que quatro romperam ainda na primeira fase) e com o adicionamento de mais 13 intelectuais já na segunda fase (CARDOSO, 2002).

> A preocupação dos “padeiros” era, mesmo, pois, a de rompimento total com os tipos de sociedade literárias tradicionais, como os gabinetes de leitura, academias, centros e institutos, os quais pendiam invariavelmente para uma hierarquização que traduzia a estabilidade social dos seus membros. Ora, como se viu, esse não era, realmente, o caso da Padaria Espiritual, saído todos de uma minoria intelectual, camada de classe média de Fortaleza que a estagnação da vida econômica do Estado reduzia a uma existência sem horizonte (TINHORÃO, 2006).

A partir dessa citação podemos notar qual foi o significado desse movimento e porque ele foi tão inovador. Por isso que a Padaria é tão importante para se compreender não só Antônio

Sales, mas em que contexto se insere "Martim Soares", pois é a partir desse movimento que esse intelectual, passa a melhor problematizar as diversas facetas da sociedade.

> Os textos dos padeiros, juntamente com suas representações da experiência social, romperiam com o exclusivismo das leituras sobre o Brasil produzidas no ambiente da Capital Federal, bem como ressoaram por outros círculos letrados regionais. E em suas leituras, sobressaíram os modos de vida no sertões cearenses, das festas populares, folguedos e tradições ancestrais (CARDOS, 2006).

A partir dessa citação acima, Cardoso mostra e exemplifica o que seria o diferencial da Padaria Espiritual, chegando a apresentar, em seu trabalho, que muitas vezes a padaria criticava os ideais de civilização vindos da Capital Federal. Boia (BOIA, 1984) vai de encontro ao pensamento de Cardoso, porém ele mostra que nesse aspecto a padaria poderia ser considerada contraditória, pois muitos de seus intelectuais eram permeados por esses ideais civilizatórios, inclusive Antônio Sales.

Além de toda essa inovação sobre a Padaria Espiritual, é importante compreender a repercussão que ela teve:

> Jornais do Rio transcreveram o programa da Padaria Espiritual, em especial o Jornal do Comércio que lhe publicou quase todos os artigos. Os estatutos foram enviados, também, aos literatos que acusaram seu recebimento por meio de cartões, como o nosso Clóvis Beviláqua (...) (BOIA, 1984: 119).

Ou seja, percebe-se que esse movimento, não só trouxe grande repercussão, mas foi inovador para a área letrada do Ceará. Logo, podemos concluir que ao ser um dos principais membros dessa agremiação, a mesma o influenciou bastante em seus referencias ao escrever a obra *O Babaquara*.

Após essa explanação, é possível percebe quem de fato era Antônio Sales, um letrado que atuava também através de sua escrita para pensar e difundir seu discurso sobre o lugar social que ele vivia. Além disso, a fase que ele viveu dentro destas agremiações o influenciaram, não só a nível de amadurecimento, mas na forma de criticar aquilo que ele discordava. Por isso, a obra *O Babaquara*, carrega toda uma reflexão a cerca do período, mostrando sua crítica e principalmente a denuncia contra o Presidente do Estado do Ceará Antônio Pinto Nogueira Acioli. Ou seja, "Martim Soares" nada mais é do que Antônio Sales construído por esse contexto aqui analisado.

2.2. Caracterizando a obra: *O Babaquara* e sua forma de prática letrada.

Como já dito, o objetivo deste segundo tópico é caracterizar a obra aqui trabalhada nesse artigo, pois procuramos demonstrar em que contexto ela foi escrita e quais suas características.

Primeiramente é importante destacar como se deu a relação entre Nogueira Acioli e Antônio Sales, pois diferente de outros intelectuais como Rodolfo Teófilo que teve um conflito bastante intenso com esse governante, chegando a render várias obras escritas por esse outro intelectual, além da longa troca de ataques ocorrida quase durante toda a oligarquia e que foi promovida entre os jornais “Jornal do Ceará”, no qual Teófilo era redator e “A República”, jornal comandado por Nogueira Acioli (CORREIA, 2013).

Ou seja, Antônio Sales não teve um litígio tão intenso contra Acioli. Porém, tanto Boia (BOIA, 1984), quanto o Inventário (VASCONCELOS, 2007), nos mostram que em 1905, esse intelectual decidiu fixar moradia no Rio de Janeiro, após sofrer perseguição política da administração estadual. E, Sombra (SOMBRA, 1998), apresenta em sua obra, que durante esse governo, muitos intelectuais procuraram refugio para outros estados, já que Nogueira Acioli e seus correligionários aplicavam uma política de combate à oposição através do uso do temor, na qual era praticado atentados, espancamentos, saques ou até mesmo empastelamento de jornais.

Com isso, não podemos concluir como se iniciou o conflito entre a oligarquia e esse escritor, porém é perceptível que já existia um litígio antes da escrita da obra, já que o próprio autor se refere a ele mesmo na terceira pessoa como um exilado do Ceará, ao discorrer como “Martim Soares”.

Diante disso, podemos abordar um aspecto característico desta obra, que é a ideia que o livro trás apenas uma contribuição denunciativa para história do Ceará, já que apesar de seu discurso de denuncia, é necessário enfatizar que esse intelectual também tinha a intenção de ser oposição política ao governo do período, o que põem em cheque essa noção no livro de que o objetivo era apenas denunciar a oligarquia. Claro que trabalhos como o da Maria Alencar (ALENCAR 2008), nos mostra que realmente, a oligarquia se comparada a outros governos do período, teve grande conflito com sua oposição no Ceará, prova disso é que em 1912 esse oligarca foi deposto por uma revolta de densidade popular, mas incitada também pela oposição.

Para caracterizar melhor essa obra, podemos recorrer a reflexão na qual Waldy Sombra faz em sua obra, na qual ele tenta caracterizar o livro aqui trabalhado.

> Nas 160 páginas de *O Babaquara*, cujos originais foram concluídos em outubro de 1911[3], Sales, sob o pseudônimo de Martim Soares, objetivava a desmoralizar o velho Oligarca, arrancar-lhe a máscara, condenar-lhe os desmandos, o nepotismo, os gestos de violência e tirania contra os que cometiam o crime de não aceitá-lo como intocável patriarca. No libelo, o idealizador da *Padaria Espiritual* fez desfilar os atos de truculência praticados contra o deputado Francisco Jamacaru, contra o ex-vice Presidente Carlos Felipe Rabelo de Miranda, contra Rodolfo Teófilo, o *Apostolo da Vacinação,* contra os deputados federais Idelfonso Lima e Agapito Jorge dos Santos... Com veemência, em tom catilinário, condenou a falta de liberdade de pensamento, culminando sempre com o espaldeiramento de jornalista e o empastelamento das oficinas. Descendo a particularidades, mostra o Presidente, o *Babaquara*, como aficionado do jogo do bicho, e aos seus familiares empresta codinomes pejorativos como o *Jaburu (*Antônio Accioly Filho*), Bibiu* (Hidelbrando Accioly)... Sales, em suma, oferece, nesse trabalho, tendo em vista o julgamento da História, um quadro, no seu dizer "da vida social e política do Ceará sob o predomínio da Oligarquia que o oprimia, roubava e envergonhava"(SOMBRA, 1998: 65).

Sombra nos aponta vários aspectos da escrita de Antônio Sales que já foram abordados aqui. Percebe-se que a obra trás mais do que um tom de denuncia, ela põem a imagem de Nogueira Acioli a prova, pois ele vai mostrar os diversos "atentados" que essa oligarquia fez a homens de prestigio e intelectuais, ou seja, outro aspecto da discussão entre o processo civilizador e moral do administrador público, pois Acioli, além de atacar pessoas que debatiam e contribuíam para esse processo - como por exemplo, Rodolfo Teófilo, na qual é chamado de "o Apostolado da Vacinação" no livro por ter promovido uma vacinação gratuita da varíola chegando a erradica-la – ele tentou demonstrar a falta de compromisso do oligarca – como por exemplo o fato de ele ser viciado em jogo do bicho, o que naquele período era condenado moralmente pela população mais esclarecida.

Outra característica que pode ser debatido antes de nos aprofundarmos a obra aqui analisada é a utilização do pseudônimo "Martim Soares", pois poderíamos levantar a hipótese de que esse intelectual utilizou tal tipo de ferramenta como uma forma de fugir de represarias da oligarquia, já que o próprio livro foi publicado no Rio de Janeiro. Porém como dito antes, o período de convivência com as agremiações letradas, abordado anteriormente, o influenciaram bastante, pois a prática de utilizar pseudônimos foi comum ao longo de sua trajetória.

> É imenso o número de pseudônimos usados por Sales ao longo de sua carreira de escritor: Anthony, dos tempos do *Libertador*, Moacir Jurema, M. J. e M., da época de *O Pão*, e mais Gamin, Marphilo, John Faber, Pero Vaz, Saltônio, Kodac, Srellio, D. Pablo, Arthunio Valle, André Marcial, D. Fradique, Manoel Carnaúba, Alcyon e muitos outros (VASCONCELOS, 2007: 25).

Com isso, não se pode desprezar tal característica apenas pelo fato de que o autor temia represarias, mas enfatizar que a utilização desse modelo de autoria era uma característica muito forte ao longo de suas obras.

---

[3] No livro, *O Babaquara*, o autor afirma ter iniciado a escrita em outubro de 1911 e concluído no dia 2 de Janeiro de 1912. Acreditamos que Waldy Sombra tenha se confundido com relação à conclusão do livro.

Outro aspecto a ser apontado sobre a publicação da obra é que escrever um livro criticando o oligarca não foi pratica exclusiva dele, pois no mesmo período do governo Acioli (1896-1912) foram escritas várias obras que abordam diretamente ou indiretamente Acioli, porem somente três delas podem ser consideradas um libelo que tinha a intenção de denunciar os vários crimes do oligarca que são: *O Oligarca do Ceará* (PESSOA, 1910), escrito por Frota Pessoa; *O Babaquara* (SOARES, 1912), aqui abordada; e *Libertação do Ceará* (TEÓFILO, 2001), de autoria de Rodolfo Teófilo e publicado em 1914.

Cada uma delas possui uma estilo de escrita diferente, pois a primeira escrita advogado, tem aspectos mais jurídicos, na qual o autor através de processos e se utilizando da constituição, ele demonstra os crimes que Acioli foi acusado judicialmente, porém através de manipulação política ele foi inocentado. Ou seja, nesta primeira não é um intelectual letrado que tem a intenção de intervir na discussão civilizacional que o Ceará passava, mas um advogado que escreve um documento literário acusando esse oligarca. Já a obra de Rodolfo Teófilo, apesar de ser outro intelectual letrado foi escrita e publicada após a queda da oligarquia, o que trás a intencionalidade de deixar uma memória dos acontecimentos daquele período. Teófilo até tem intenção de discutir os ideais civilizacionais, porém o contexto que ela foi produzida é diferente, já que a intenção não era atacar um regime vigente, mas deixar uma memória deste (CORREIA,2013).

Ou seja, a obra *O Babaquara* tem um caráter peculiar, pois é escrita por um intelectual que tem a intenção não só de atacar o governo, mas fazer uma critica aos ideais políticos vigentes, com isso esse livro tem a intenção de intervir na sociedade do período a partir de uma perspectiva de difundir seus ideais nesse espaço urbano.

É importante citar a obra de Frota Pessoa (PESSOA, 1910) aqui, pois logo na nota preliminar no inicio do livro, este autor inicia dizendo que *O Babaquara* é um complemento da obra de Frota Pessoa. Ou seja, ele tem a intenção de não só denunciar os crimes do governante, mas de problematizar os ideais e a moral daquele modelo de gestão.

Estruturalmente falando, a obra *O Babaquara* é composta por 164 páginas, que são divididas em um texto denominado de “O Babaquara”, que possui 34 capítulos e duas notas, uma preliminar e uma final, não possuindo uma divisão em capítulos nem índice. Com isso, podemos caracterizar que tipo de discurso essa obra trás.

Com já enfatizado, esse livro trás uma série de críticas a oligarquia Aciolina, principalmente a denuncia social das práticas desse governo que para Sales eram consideradas como um retrocesso ao processo que o Ceará passava.

> Nas paginas que ahi ficam temos traçado ás vezes com indignação, mas sempre com verdade, o quadro muito pallido e incompleto da vida social e política do Ceará sob o domínio da Oligarchia que opprime, rouba e envergonha. A responsabilidade dessa situação cabe principalmente aos chefes da nação que a tem favorecido com o seu apoio criminoso e nos chefes políticos que lançam alli a columna do seu prestigio sobre esse pélago de lama. O povo cearense a tem soffrido até agora com uma paciência quase incrível, sempre na esperança de que homenes que se vão succedendo no poder repillam de si o Oligarcha, cujo pretigio único está na mão forte que no Cattece lhe tem sido dada, prestigio que se pode dissipar com um gesto, menos do que isso, com um sopro (SOARES,1912: 160).

Porém, não são só as práticas desse governo que o livro crítica, o autor tem a peculiaridade de criticar a personalidade de Acioli. Logo na folha de rosto ele coloca a seguinte frase: “” “Este de faltas tão comedidas, Trazendo aos hombros Immensa prole, De ideias Curtas e de unhas compridas.... E’ o Accioli.” (SOARES, 1912). Percebe-se que ao longo do texto ele tenta fazer uma caricatura de Acioli:

> O Babaquara é physicalmente horrendo, como se sabe. A caricatura tem largamente divulgado essa figura de pesadello, Macrocéphado, de enormes orelhas côncavas e pendentes, lívido, a cabeça mettida nos hombros, com uma voz de sapo, myope e glutão, tal é o oligarcha do Ceará (SOARES, 1912: 15).

Percebe-se aqui a característica de escrita do tom de “chacota” da primeira fase da Padaria Espiritual, pois a partir da descrição acima entendemos porque o nome desse livro é *O Babaquara*, já que essa nomenclatura na verdade era o apelido dado pela oposição para Nogueira Acioli, como uma forma de criticar a forma física e as atitudes desse governante.

Porém, *O Babaquara* não significa só isso, pois Sales também faz “chalaça” da personalidade desse governante:

> (...). O Oligarcha é perverso, rancoroso e vingativo, como se pode ver de muitas passagens deste livro. De uma subserviência nauseante para com as pessoas de quem depende, é de uma sobranceria intolerante para com aquellas que estão na sua dependência. (...) A esses não permitte siquer as apparencias do brio e do amor próprio: exige submissão absoluta, despejada e cynica.(SOARES, 1912: 19)

Apesar de tentar caricaturar Nogueira Acioli, a intenção do autor é questionar a capacidade do mesmo de governar o Ceará, pois como já foi enfatizado, nesse período, a terra alencariana passava por um processo, na qual a moral, os costumes estavam em foco, ou seja, ele tenta desmoralizar o governante.

Vale lembra, assim como já mostramos, também era característico dessa obra dar codinomes a parentes de Acioli como por exemplo: Zé Queixo (José Acioli - filho), Raymundão(Genro); Thomazinho (Thomaz Acioli - filho); Moleque Graccho (Correligionário); Beija (Benjamin Acioli- filho); Jaburu (Antônio Accioly - filho); e Bibiu (Hidelbrando Accioly- filho) (SOARES, 1912).

Por ultimo, com relação à caracterização da obra, podemos levantar outro aspecto de sua escrita que a utilização de histórias que evidencia a falta de seriedade política do governo, na qual o mesmo fazia os seus “mando e desmandos”.

> Uma senhora, parente próxima do Oligarcha, sabendo que o marido tinha relações com uma pobre rapariga do povo, mandou chamar dois soldados e ordenou que lhe cortassem o cabelo e a surrassem, recomendando que batessem com facões de preferência nas partes pudendas. A ordem foi cumprida á risca, e a pobre creatura com as partes horrivelmente contundidas, inchada até a cintura, foi conduzida a braços para o trem que a levou a Maranguape, onde esteve muitos dias em perigo de vida (SOARES, 1912: 84).

Nesse trecho percebe-se que o autor tenta evidenciar a total falta de comprometimento com a população por parte do governo, na qual uma parente de Acioli se utiliza de sua influencia política para fazer uma vingança particular contra uma “rapariga do povo”.

> Por ter rompido também com o Oligarcha, o coronel Domingos Braga, chefe de Itapipoca, deputado estadual, teve o seu mandato cassado pela Assembléia, foi deposto á bala do cargo de intendente municipal, e só não teve a sorte de Jamacarú porque pertencia á principal família do lugar e gosava da estima geral da população. (SOARES, 1912: 19)

Nesse outro trecho também evidenciamos que o autor tenta desmoralizar o governo aciolino, mostrando que não existia um Estado, mas sim um oligarca que era cercado por correligionários, que faziam o que queriam com o Ceará e aqueles que eram desafetos eram combatidos.

Por ultimo é importante problematizar a noção entre Fortaleza, capital, e o Estado do Ceará para o autor. É possível perceber que esse autor se refere muitas vezes ao Estado do Ceará e a administração estadual, quando na verdade, o espaço que ele está se referindo é a cidade de Fortaleza, ou seja, é preciso destacar que a noção de cidade e estado muitas vezes se confundem, pois a compreensão de Ceará que esse autor tem, em grande parte, é a cidade de Fortaleza, por ser a capital e por ser onde ele vive. Além disso, com relação a administração municipal, o autor mostra que para ele, ela era nula, pois como era Acioli que nomeava o representante na cidade, a gestão acabava sendo um reflexo das ordens estaduais.

> A Fortaleza não tem há muito governo municipal. Há uma repartição que cobra certos impostos e dá com isso a prova única de sua existência. A cidade, a que a Intendencia Municipal não presta o mínimo serviço, caiu no mais completo abandono (SOARES, 1912: 153).

Ou seja, apesar de estarmos falando da intervenção letrada e urbana de Antonio Sales através da obra *O Babaquara*, esse autor faz também uma critica a nível estadual, pois sua compreensão entre capital e estado estão interligadas.

A Oligarquia e seus Crimes Contra a Sociedade: a prática letrada de denúncia na obra *O Babaquara*.

Após mostrar quais as principais características da obra, da escrita, da trajetória e das influencias de Antônio Sales, mostraremos a atuação denunciativa da oligarquia através da obra *O Babaquara.*

Para caracterizar o governo aciolino, Antônio Sales, em seu primeiro capítulo, apresenta os correligionários de Acioli, mostrando que grande parte dos colaboradores do governo, na verdade só o apoiam por medo, segundo a visão do autor.

Através desse livro, o autor demonstra como Acioli se mantém no poder e quais são as práticas abusivas, chegando a cometer crimes contra a sociedade. Um aspecto a ser abordado aqui é o alistamento eleitoral.

Nesse período, o autor explica que para poder votar era preciso se alistar perante uma autoridade que lhe concedesse um atestado domiciliar. Porém, muitos dessas autoridades eram aliados do governante e por isso não autorizavam o alistamento de opositores, para que a vitória da eleição fosse garantida.

> O principal algoz desse direito é o juiz federal, Eduardo Studart, que só de uma vez excluiu do alistamento 4.542 eletores da oposição, que para elle tinha appelado em grão de recurso. (...) Dahi em diante nenhum oposicionista se alistou mais. O finado coronel Carlos Felippe Rabello de Miranda, deputado estadoal em diversas legisaturas, ex-presidente da Assembléia, ex-vice presidente do Estado, pharmaceutico durante cerca de trinta annos na praça mais central de Fortaleza, não poude se alistar porque a autoridade policial lhe negou attestado de domicilio (SOARES, 1912: 25-26).

Com isso, nem mesmo quem tinha o poder e influência conseguia se alistar para votar e, a partir disso, Acioli conseguia manipular as eleições e eleger seus colaboradores e familiares. Por isso, que Sales chega a afirmar que o poder legislativo no Ceará não existia já que esse setor só realizava as ordens do Presidente do Estado do Ceará. O escritor mostra que a Assembleia é composta apenas dos parentes de Acioli, pois, segundo ele, "os demais são funccionários sem autonomia, chefes do interior e individuos dependentes do governo" (SOARES, 1912: 53). Ou seja, ele mostra que a função deste grupo era "unicamente pro-formula: as leis, quase todas de caráter pessoal, são engendradas no gabinete presidencial e não sofriam o menor exame" (SOARES, 1912: 53).

Sales questiona em sua obra a falta de comprometimento da administração estadual, pois nem mesmo as leis escapavam da manipulação de Acioli, e com isso esse oligarca, segundo o autor promulgava várias em seu favor como por exemplo:

> O Oligarcha, como já dissemos, fez votar uma lei anticonstitucional tornando de sua livre nomeação os intendentes municipais. Mas essa lei só vigorava emquanto elle exerce o pôder. Quando está para deixal-o, faz votar outra lei revogando aquelle, isto é tornado os itendentes elegíveis, afim de retirar esse instrumento de compressão das mãos do seu sucessor. (SOARES: 1912: 57)

O autor denuncia também que até os cargos públicos eram manipulados como barganha para correligionários que o apoiavam, pois quem o colaborava com o governo recebia nomeações e que não apoiava era demitido. Vale lembrar que até quem se permanecia neutro era prejudicado, pois segundo o autor não recebiam o salários em dia.

> Desde que este [Acioli] domina no Ceará, isto é há cerca de desesete annos, nunca mais se fez um concurso para preenchimento dos cargos publicos. Anullada essa prova de capacidade, nomeados indivíduos na maioria parte quasi analphabetos, o funccionolismo estadoal é actualmente composto, com poucas exepções, de ignorantões e malandros de peior espécie. Os afilhados do Oligarcha, por maiores provas que deem de sua incompetência, galgam rapidamente todos os postos, deixando atraz os funccionarios intelligentes e trabalhadores. (SOARES: 1912: 69-70)

Diante disso percebemos que essa obra tem a intenção não só de atacar, mas fazer serias criticas a administração no sentido que, além de Acioli governar como um soberano, contradizendo os ideais republicanos, ele também estava causando muitos prejuízos aos cofres públicos, pois não bastava nomear funcionários despreparados e sem concurso público, esse governo também pagava salários de pessoas que nunca foram trabalhar e criava várias formas de desviar verbas públicas. Ou seja, devemos pensar que esse livro aqui analisado, não era apenas uma forma de demonstrar a indignação, mas também uma prática letrada livreira que circulou perante a sociedade mais esclarecida de Fortaleza e com isso pode ter disseminado essas críticas e os ideais que Sales trás em sua obra, pois não temos como medir o efeito que essa obra causou, mas não devemos esquecer que poucos dias após ser publicada, estourou uma revolta popular que depôs Acioli. Diante disso, podemos afirmar que mesmo se esse livro não tivesse tido repercussão, ele foi publicado em um contexto propicio a ser lido, já que, como nos mostra Rodolfo Teófilo (TEÓFILO, 2001), os primeiros protestos contra Acioli já ocorriam desde o final de 1911.

Ainda com relação ao controle que Acioli exercia, o autor tenta demonstrar que sua oligarquia era familiar, pois da pagina 137 a 141 do livro, consta uma lista de todos os parentes que exerciam cargo público. Podemos citar alguns exemplos como: José Acioli, Secretário de Interior; Antônio Acioli (Procurador fiscal da Secretaria da Fazenda); Lindolfo Pinto (sobrinho de Acioli), Diretor de Secção; Assembleia Estadual: Benjamin Acioli, Raimundo Borges (genro de Acioli), Jorge de Sousa (genro de Acioli), Jovino Pinto (Primo de Acioli), José Pinto (Primo

de Acioli), Pinto Brandão (Primo de Acioli), Pe. Vicente Pinto (Primo de Acioli); dentre outros cargos.

Ao analisar essa lista constatamos que a família de Acioli está espalhada por todo sistema governamental, desde as correspondências, tendo José Pinto como Diretor dos Correios; passando pela higiene pública, tendo Meton de Alencar, um cunhado de um filho do Acioli como Diretor, e chegando ao Batalhão de Segurança, tendo como comandante o Capitão Raimundo Borges, genro de Acioli.

Para tentar aprofundar mais ainda sua crítica com relação ao governo e o prejuízo que ele trazia perante o processo que Fortaleza estava vivendo, Antônio Sales vai discorrer sobre a construção do Teatro José de Alencar, que para o autor deveria ter sido uma obra monumental que representasse os ideias da cultura europeia, já que ele teve a intenção de possuir toda uma representação a partir da arquitetura de ferro francesa.

Porém, ele mostra que a construção do teatro foi extremamente superfaturada, pois, logo de início, o diretor de Obras Públicas do Estado, Benjamin Acioli, filho do oligarca, ao invés de administrar a construção fez apenas a montagem de uma empresa para fornecer tijolos para a edificação e, com isso, poder faturar mais.

> O facto é que o theatro custou cerca de 1000 contos, e não vale a metade. Do ponto de te [...]hnico[4], é um aleijão. Demodos seus paredões, onde o ar não entra por uma frincha, reina uma temperatura de forno de pão; a acústica é pessima; para [...][5] ás cadeiras passa-se sob as frizas, quasi tocando com a cabeça no soalho, o que faz que, temendo isso, as pessoas altas se curvem instinctivamente (SOARES: 1912: 83).

Ou seja, o que deveria ser um monumento se tornou uma oportunidade de superfaturamento e de mau planejamento da execução, segundo o autor. A intenção do autor em criticar o teatro é tentar desfazer a boa imagem de Acioli por ser o responsável pela construção do teatro.

Ainda com relação à verba pública, o intelectual mostra que a denúncia de um empréstimo no valor de 15 milhões de francos, que foi solicitado pelo Estado, porém não teve destinação de fato, comprometendo mais ainda o orçamento público, pois além de gastar o governo criava dividas.

Outra denuncia feita por este intelectual é a situação do policiamento, pois ele demonstra que o governo estadual cortou a verba do imposto pago pelo dízimo dos gados, que era a principal renda dos municípios do interior e com isso:

[4]Falha nos originais do livro devido ao tempo.
[5]Falha nos originais do livro devido ao tempo.

> (..) não poderam elles mais manter as guardas locaes que haviam instituído para seu policiamento, sendo todas dissolvidas. Não se pense que por isso o governo lhes deu em troca o beneficio do policiamento por força estadoal. Todo o interior ficou sem policia de espécie alguma (SOARES: 1912: 60).

O autor complementa que discorrendo que a única segurança que existia no Ceará eram os 600 praças que se ocupavam na guarda pessoal de Acioli e um pouco mais de 120 guardas civis para o policiamento da capital. Ele ainda mostra que a única cidade do interior a conseguir manter policiamento foi Crato, em torno de 50 praças devido à necessidade, já que sofria constantes ataques de bandidos.

Com isso o intelectual trás uma reflexão bem crítica, mostrando que em Fortaleza havia quase 800 policiais, porém em todo o interior do estado, segundo o autor, só existiam 50 homens. Vale lembrar que desde o final do século XIX, a polícia e a segurança vem progredindo constantemente, tornado assim parte necessária para um Estado que se espelha em padrões civilizacionais, por isso que para esse escritor, a oligarquia aciolina não "não governava", mas retrocedia em suas atitudes, pois como Sales diz: "(...) sob o reino do Babaquara, a força bruta é a única lei que se conhece" (SOARES: 1912: 61).

Outro aspecto da administração que ia contra os ideais vigentes no período é a falta de investimento em instrução pública, pois Sales mostra que ao longo de todo o período de governo:

> Accioli tem reduzido a instrução publica á ultima miséria. Ele mesmo, depois de doze annos de dominio, affirma em sua mensagem de 1908 < que é facto que o analphabetismo, em vez de declinar, vai cada vez alargando mais os seus domínios, chegando já a attingir á proporção de 85% dos seus habitantes > (...) (SOARES: 1912:61).

Por se tratar de um intelectual das letras, esse escritor é mais intenso ao fazer a crítica a falta de instrução publica, pois ele chega a comparar o Ceará com as colônias africanas, dizendo que a educação cearense está pior que as da colônias africanas como a de Cabo e a de Basutolândia, povos esses que ainda não conheciam a "civilização", segundo o autor.

Por ultimo, é importante destacar um tema que percorre quase toda obra que é a denuncia do combate da oligarquia a oposição, pois ele mostra que vários jornais chegaram a ser empastelados por soldados do governo e vários opositores sofreram atentados. A situação chegou ao ponto de que muitos fugiram do Ceará para escapar da repressão e com isso ele faz uma relação:

> No norte podemos citar - Dr. Elisiario Tavora, desembargador do Acre, Dr. J. de Serpa, deputado pelo Pará, Dr. Abel Garcia, desembargador do Amazonas, Godofredo Maciel, prefeito do Acre, Virgilio e Bruno Barbosa, advogados no Amazonas etc; no Sul Dr. Belisario Tavora, chefe de policia desta capital,

> Antônio Sales[6], literato e funcionário do Thesouro, Americo Facó, redactor do Jornal do Commercio. Dr. Jesé Linhares, advogado, dr. Farias Brito, lente do collegio Pedro 2º., Francisco Maciel, advogado no Paraná, e uma infinidade de moços que vão procurar collocações no commercio, na burocracia, na industria, etc (SOARES: 1912: 31)

Essa denuncia está presente várias vezes ao longo da obra e podemos apontar dois motivos para isso, o primeiro por ele ser um dos mais afetados por está também exilado, e o segundo se deve, pois a classe mais prejudicada com os atentados narrados pelo o autor era os intelectuais, pois esses em sua maioria ocupavam cargos em jornais, ou seja, muito das vitimas do oligarca nesse aspecto eram colegas de Antônio Sales, amigos que conviveram em sua vida e participaram junto com ele de diversas agremiações e isso poderia ter o incomodado.

Considerações finais.

A partir da discussão feita ao longo das paginas podemos levantar alguns parâmetros a cerca da obra *O Babaquara*, pois como foi mostrado esse intelectual antes de escrever sua obra, teve intensa participação em agremiações letradas que atuavam intervindo no espaço urbano através da disseminação de seus ideias com escritos, seja na prática livreira ou nos jornais.

Com isso, buscamos aqui abordar a trajetória de Antônio Sales, para compreender quem foi esse autor e que experiências ele tinha vivido antes de elaborar o livro aqui estudado. Através dessa abordagem foi possível notar que muitos aspectos presentes nesta obra estão também ao longo da sua trajetória, como: a utilização de pseudônimos, a chacota no intuito de criticar, a intenção de querer disseminar seus ideais através de uma obra e etc.

Também foi possível demonstrar quais as principais características que estão presentes ao longo da obra, que muitas vezes não são o foco central, mas que nos auxiliam a compreender a intenção do autor e que ferramentas ele utiliza para discorrer sobre suas críticas.

Por ultimo, buscamos aprofunda essa prática letrada livreira de Antônio Sales, pois demonstrando suas denuncias é possível notar a critica não só a figura de Nogueira Acioli, mas de sua administração e atitudes que segundo o autor, fazia o Estado retroceder.

[6] Como já dito, esse intelectual chega a citar ele mesmo como um refugiado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Maria Emilia da Silva. **À sombra das palavras:** a oligarquia e a imprensa (1896-1912). Dissertação defendida no programa de Pós-Graduação em História -Universidade Federal do Ceará, 2008.
ANDRADE, João Mendes de. A Oligarquia aciolina e a Política dos Presidentes de Províncias. In SOUZA, Simone (coord.) **História do Ceará.** Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1994.
ARAGÃO, Elizabeth Fiúza. **A Trajetória da Indústria Têxtil no Ceará:** o setor de fiação e tecelagem 1880- 1950. Fortaleza: UFC/Stylus, 1989.

AZEVEDO, Rafael Sânzio de. **Breve História da Padaria Espiritual.** Fortaleza: Edições UFC. 2011.

BOIA, Wilson. **Antônio Sales e sua época**. Fortaleza: BNB. 1984.

CARDOSO, Gleudson Passos**. "Bardos da Canalha, Quaresma de Desalentos"**: produção literária de trabalhadores em Fortaleza na Primeira República. Niterói: Departamento de história da UFF, 2009. (tese de Doutorado)

_________________________. **Padaria Espiritual**: biscoito fino e travoso. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura e do Desporto, 2002.

_________________________; PONTE, Sebastião Rogério (orgs). **Padaria Espiritual**: vários olhares. Fortaleza: Armazém da Cultura. 2012.

_________________________. "Práticas Letradas e Urbanidades em Fortaleza. Capitalismo, Civilização e Tradução Cultural (1873 - 1919)" IN: Anais do XIX Encontro Estadual de História do Ceará-ANPUH 2014.

CARONE, Edgar. Oligarquias: definição e bibliografia IN **Revista de Administração de Empresas.** Rio de Janeiro. 1972.
CORREIA, André Brayan Lima. "AS CRÔNICAS DE UM DÉSPOTA": A análise das obras "O Oligarca do Ceará", "O Babaquara" e "Libertação do Ceará" sobre o governo aciolino na perspectiva da civilização e da governamentalidade. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará.(Monografia) 2013.
ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador:** uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. v.1.
MORAIS, Nágila Maia de. **Todo cais é uma saudade de pedra:** repressão e morte dos trabalhadores catraieiros (1903-1904). Dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em História e Culturas da Universidade Estadual do Ceará, 2009.
NETO, Isac Ferreira do Vale. **Batalhas da memória:** a escrita militante de Rodolfo Teófilo. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará. Dissertação de Mestrado em História Social. 2006.

PESSOA, Frota. **O Oligarca do Ceará**: a crônica de um déspota. Rio de Janeiro: tipográfia do Jornal do Commercio, 1910.

PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Époque:** Reformas Urbanas e Controle Social (1860-1930). Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.A

______________________. Pagina de Fogo e Flores. IN: TEÓFILO, Rodolfo. **Libertação do Ceará**: queda da oligarquia Acioly. Edição Fac-simele. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001.B

PORTO, Eymard. **Babaquara, Chefetes e Cabroeira**. Fortaleza no Início do Século XX. Fortaleza: Coleção Teses Cearenses.1993.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 3ªed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

SILVA, Benedito. **Rodolfo Teófilo**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003.

SOARES, Martim. **O Babaquara**: subsídios para a historia da oligarchia do Ceará. 1912.

SOMBRA, Waldy. **A Guerra dos Panfletos:** Maloqueiros versus Cafinfins. Fortaleza: Casa de José de Alencar/Programa Editorial, 1998.
______________. **Rodolfo Teófilo**: o Varão Benemerito. Fortaleza: Casa de José de Alencar/Programa Editorial, 1999.

TEÓFILO, Rodolfo. **Libertação do Ceará:** queda da oligarquia Acioly. Edição Fac-simele. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001. Edição Fac-símile.

TINHORÃO, José Ramos. **A Província e o Naturalismo**. Ed. Fac-similar. Fortaleza: NUDOC. UFC. 2006.

VASCONCELOS, Eliane (org). **Inventário do Arquivo Antônio Sales**. Rio de Janeiro: Museu da Literatura Brasileira- Fundação Casa Rui Barbosa. 2007. 140p.